ISSN: 2358-8829

ESCUTA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: CONSTRUINDO POSSIBILIDADES PARA ESCOLARIZAÇÃO

Rayssa Vitória Ferreira Dias [1]
Glória Maria Nogueira Pinheiro dos Santos [2]
Natália Marques Adelino [3]
Maria Beatriz Campos de Medeiros [4]
Maria Lígia de Aquino Gouveia [5]

INTRODUÇÃO/REFERENCIAL TEÓRICO

Os estágios básicos compõem a grade curricular e são considerados obrigatórios para a conclusão do curso de graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), constituindo um contato inicial com o exercício profissional. O estágio em questão é desenvolvido na ênfase dos processos de desenvolvimento e aprendizagem diante das demandas do contexto escolar, com o objetivo de fortalecer o desenvolvimento de competências específicas para a atuação dos futuros psicólogos no contexto educacional (Ferreira, 2019).

As Psicologias Educacional e Escolar são áreas intrinsecamente relacionadas, mas não idênticas nem redutíveis uma à outra (Antunes, 2008; Dias; Patias; Abaid, 2014). Enquanto a primeira pode ser compreendida como uma subárea do conhecimento que busca produzir saberes relativos aos fenômenos psicológicos envolvidos no processo educativo, a segunda tem como objeto a escola e o processo de escolarização (Antunes, 2008). A atuação do profissional de Psicologia na educação está comprometida com a superação de paradigmas e com a ampliação das possibilidades de intervenção para além das formas tradicionais, considerando o sujeito como um ser histórico-cultural e contribuindo para a transformação

[1]Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, rayssa.dias@aluno.uepb.edu.br;
[2]Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, gloriaa.nogueirap@gmail.com;
[3]Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, natalia.adelino@aluno.uepb.edu.br;
[4]Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB maria.beatriz.medeiros@aluno.uepb.edu.br;
[5] Professora orientadora: Doutora, Universidade Estadual da Paraíba - PB, ligiagouveia@servidor.uepb.edu.br.

dos processos educativos nas instituições (Martinez, 2009). Dessa forma, cabe ao psicólogo escolar ocupar-se de um amplo conjunto de possibilidades diretamente relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem, atuando de maneira interdisciplinar e considerando as questões econômicas e políticas que atravessam o contexto educacional (Dias; Patias; Abaid, 2014).

Diante das possibilidades de atuação do profissional de Psicologia nas instituições de escolarização, destaca-se o trabalho desenvolvido com estudantes concluintes do Ensino Médio. Nesse período da escolarização, os estudantes, em transição para a vida adulta, deparam-se com questões existenciais e com a abertura a novas experiências (Silva, 2022; Carvalho; Silva, 2023). Nesse contexto, a busca por identificações pode ser permeada por estados de ansiedade e sentimentos de não pertencimento, especialmente diante das escolhas relacionadas à inserção no mercado de trabalho ou ao ingresso na universidade (Santos et al., 2022; Silva, 2022).

Em um espaço no qual o discurso do adolescente é frequentemente silenciado, a perspectiva psicanalítica, fundamentada na ética do desejo e da responsabilização, convoca o sujeito a falar sobre si (Lima et al., 2015a). A partir da concepção do inconsciente estruturado como linguagem e da relação transferencial estabelecida com os estagiários, busca-se interrogar o mal-estar e operar a partir da singularidade dos sujeitos, em vez de reduzi-los a rótulos positivos, negativos ou patológicos provenientes do discurso do Outro (Lima et al., 2015b).

Nesse sentido, evidencia-se a importância da escuta dos adolescentes como espaço de elaboração dos sentimentos relacionados ao momento presente e à passagem para a vida adulta. Essa escuta possibilita que os jovens expressem suas próprias palavras e seus desejos, ainda que estes se distanciem da lógica socialmente construída em torno de um ideal.

METODOLOGIA

Este relato de experiência foi desenvolvido com base em uma metodologia qualitativa e descritiva, a partir do estágio obrigatório em Psicologia Escolar, realizado entre agosto de 2025 e março de 2026. O grupo foi composto por nove estagiários, distribuídos entre duas turmas do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola estadual localizada no município de Campina Grande, Paraíba. Cada turma era formada por aproximadamente vinte estudantes, e os encontros ocorreram semanalmente, com duração de quarenta minutos cada.

Do ponto de vista estrutural e organizacional, a escola apresenta uma dinâmica pedagógica que envolve a gestão escolar, o corpo docente, a equipe técnica e os estudantes,

ISSN: 2358-8829

buscando garantir o funcionamento das atividades educativas e administrativas. Entretanto, observa-se que o cotidiano institucional é atravessado por desafios que ultrapassam o processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, a presença do estágio em Psicologia mostrou-se relevante, pois contribuiu para a compreensão dos processos subjetivos que atravessam o ambiente escolar, promovendo reflexões sobre saúde mental, relações sociais, escuta qualificada e práticas educativas mais humanizadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. A escuta como espaço para a elaboração

Em relação à escuta proporcionada aos estudantes, foi possível perceber que as intervenções favoreceram a circulação de sentidos e os deslizamentos dos significantes diante das dificuldades enfrentadas pelos adolescentes no processo de escolarização e em suas trajetórias de vida. Um dos efeitos mais expressivos na abertura para elaborações subjetivas e para diferentes possibilidades de escolha ocorreu por meio de dinâmicas que promoveram a interação entre colegas com pouca proximidade e convivência.

Ao deslocar os sujeitos de seus lugares habituais, foi possível observar a singularidade de suas falas, bem como manifestações de identificação e pertencimento em relação ao outro, reconhecido como alguém atravessado por questões semelhantes. Esse efeito dialoga com a literatura sobre intervenções com adolescentes, que aponta repercussões relacionadas à puberdade, à não identificação com os significantes da escola, à alteridade, à construção de um saber singular e ao laço social (Motta; Lima, 2024). Nesse sentido, os achados sugerem a relevância de promover a interação entre adolescentes no ambiente escolar, uma vez que essa experiência pode favorecer tanto a identificação com os significantes quanto a expressão de suas experiências.

Observou-se, ainda, que, embora algumas intervenções tenham provocado respostas mais objetivas por parte dos adolescentes, também foram evidenciadas aproximações entre estudantes que demonstravam resistência a relacionamentos mais profundos ou que apresentavam desavenças. Esse movimento sugeriu a presença de uma circularidade de afetos pouco elaborados. Assim, as atividades que exigiram maior implicação subjetiva foram acompanhadas por manifestações de retraimento, o que pode ser compreendido, segundo Motta e Lima (2024), como uma forma de defesa do sujeito diante do encontro com sua falta, a partir da cadeia de significantes promovida pelo discurso em espaços de escuta orientados pela psicanálise. Outro elemento relevante foi a solicitação, por parte dos estudantes, de encontros mais longos. Essa demanda pode ser interpretada tanto

ISSN: 2358-8829

como um desejo de continuidade do espaço de escuta quanto como uma expressão da sobrecarga vivenciada no cotidiano escolar, no qual momentos que rompem com a lógica tradicional são percebidos como alívio (Rosa, 2020).

Essa interpretação articula-se às limitações impostas pelas desigualdades e vulnerabilidades sociais enfrentadas pelos estudantes, evidenciando a importância da escuta durante a experiência escolar, uma vez que essas condições também revelam um mal-estar de ordem sociopolítica. Nesse cenário, a escuta oferece um espaço para a elaboração do mal-estar coletivo. Isso sugere que uma escuta orientada pelos princípios da clínica psicanalítica, atenta aos atravessamentos sociopolíticos e realizada em espaços que não se restringem ao setting clínico tradicional, como a escola, pode ser potente no trabalho com jovens oriundos de famílias marcadas por trajetórias de exclusão social (Jucá, 2020).

Portanto, observou-se que o desejo de continuidade da escuta pode ser compreendido a partir do reconhecimento dos efeitos produzidos por esse espaço, os quais nem sempre encontram lugar no cotidiano escolar.

2. A relação entre estudo e trabalho

A relação entre estudo e trabalho ocupa lugar central nos estudos sobre a juventude no Brasil. Diferentemente do modelo clássico de transição para a vida adulta, no qual a saída da escola antecede a entrada no mercado de trabalho, a juventude brasileira é, em grande medida, "uma juventude trabalhadora" (Corrochano, 2013). Para muitos jovens de baixa renda, escola e trabalho não se sucedem, mas acontecem simultaneamente, compondo trajetórias não lineares e reversíveis, marcadas por idas e vindas entre estudo, emprego e desemprego (Pais, 2001; Abramo; Venturi; Corrochano, 2020).

É a partir desse contexto que se compreendem as falas dos estudantes do Ensino Médio acompanhados na experiência aqui relatada. Para eles, conciliar universidade e trabalho não constitui apenas uma questão futura, mas uma condição já vivenciada durante o Ensino Médio, que influencia a maneira como projetam o ingresso no ensino superior.

Já no primeiro encontro, chamou a atenção a presença de um subgrupo de meninos que estudavam e trabalhavam. Um deles, que trabalhava com gesso ao lado do pai, relatou: "às vezes era pegar direto aqui da escola, só tinha o horário do almoço para tentar estudar alguma coisa [...] ele não entendia muito que eu tinha que estudar, queria pegar direto até 21h da noite". Outro aluno mencionou, entre as atividades que realizava bem, ser "bom pai".

Essas falas corroboram as reflexões de Sposito (2005) e Dayrell (2007), segundo as quais, para os jovens das camadas populares, o trabalho não se opõe à condição juvenil, mas a

ISSN: 2358-8829

constitui, de modo que “o trabalho também faz a juventude”. O trabalho não conduz necessariamente ao abandono escolar, mas interfere nas trajetórias dos estudantes, e suas consequências dependem, sobretudo, das condições em que é exercido, como jornadas longas ou imprevisíveis, informalidade e responsabilidades familiares e de cuidado (Abramo; Venturi; Corrochano, 2020). O caso relatado reúne esses elementos, uma vez que envolve trabalho informal, ausência de horários definidos e uma relação laboral mediada pela figura paterna.

Uma das consequências mais imediatas dessa realidade é a escassez de tempo. Como resumiu E1: “O mais difícil é o tempo para estudar”. Outro estudante trabalhador afirmou: “eu estudo só quando tô aqui mesmo”, ao que os colegas concordaram, acrescentando que a escola ao menos os “obrigava” a estudar enquanto estavam naquele espaço.

Nesse contexto, a escola torna-se o único tempo protegido para o estudo. Essa realidade contribui para compreender o que Bourdieu e Champagne (1999) denominaram “excluídos do interior”: a ampliação do acesso à escola não garante, por si só, as condições necessárias para que os estudantes das camadas populares disputem, em igualdade, as posições que a instituição promete. Esses jovens estão inseridos na escola, mas dispõem de um tempo de estudo reduzido pelas exigências do trabalho, justamente no ano em que se espera deles uma preparação intensiva para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

O trabalho também opera como critério de escolha profissional e educacional. Ao discutirem as possibilidades para o período posterior ao Ensino Médio, os estudantes levantaram dúvidas sobre qual instituição escolher, uma vez que muitos desejavam estudar, mas também precisavam dispor de tempo para trabalhar. A longa duração dos cursos apareceu entre as dificuldades mencionadas, expressa pela preocupação com o “estudo prolongado”. Nesse cenário, o concurso público, sobretudo para a carreira policial, surgiu como alternativa recorrente, conforme demonstram as falas: “quero ser da PM” e “passar em um concurso, né”.

Zago (2006) demonstra que, entre universitários das camadas populares, a escolha do curso representa, muitas vezes, uma adaptação às condições objetivas de vida, e não uma preferência inteiramente livre. Na mesma direção, Bourdieu (1998) observa que as aspirações escolares tendem a ajustar-se às chances objetivas de cada grupo social, de modo que aquilo que parece improvável pode deixar de ser desejado. Nesse sentido, o concurso público aparece como uma via potencialmente mais curta e segura para a obtenção de renda estável, diante de uma graduação longa e incerta.

Corrochano (2013) identifica um movimento semelhante entre jovens trabalhadores de São Paulo, para os quais o ensino superior se torna mais ou menos plausível conforme a

trajetória de trabalho. Quanto mais urgente é a busca por um "trabalho de verdade", mais distante pode parecer a possibilidade de ingresso na universidade.

A esse contexto soma-se o desconhecimento das políticas de acesso e permanência no ensino superior. Uma aluna resumiu o que sabia sobre o assunto: "o básico do básico, que o sisu é bolsa para a universidade e prouni você faz só que paga depois", confundindo o Programa Universidade para Todos (ProUni) com o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES). Os estudantes interessados em concursos também afirmaram não saber onde encontrar os respectivos editais.

Leão, Dayrell e Reis (2011) identificaram uma realidade semelhante entre estudantes do Ensino Médio, que demonstravam pouco conhecimento sobre cursos, mercado de trabalho e mecanismos de ingresso no ensino superior, sem que a escola contribuísse suficientemente para a compreensão dessas possibilidades. Embora programas como SiSU, ProUni e FIES ampliem as oportunidades de ingresso, eles não retiram esses jovens do mercado de trabalho (Abramo; Venturi; Corrochano, 2020). Assim, quando não dispõem de informações sobre essas políticas, os estudantes tendem a imaginar a graduação como uma possibilidade que dependerá inteiramente da renda obtida por meio do trabalho.

Do ponto de vista da Psicologia, essa realidade reforça a compreensão de que a escolha profissional não constitui um ato puramente individual, mas é multideterminada pelas condições sociais e históricas nas quais o sujeito está inserido (Bock, 2002).

A necessidade econômica atravessa todas essas projeções. O período posterior à escola não é imaginado como uma ruptura, mas como uma intensificação das exigências já vivenciadas. Essa percepção aparece nas falas: "depois daqui quem já trabalha, vai trabalhar o dobro" e "nada vai mudar depois da escola". Diante de uma situação de injustiça no trabalho encenada em sala de aula, os estudantes concluíram que "seria melhor aguentar isso do que passar fome".

A distinção estabelecida por Foracchi (1977) entre o estudante que trabalha e o trabalhador que estuda contribui para compreender essa posição. Para esses jovens, o trabalho não representa um complemento à vida estudantil, mas o eixo que organiza o tempo e as escolhas, enquanto o estudo ocupa o espaço restante. Cabe destacar que Foracchi analisava sobretudo estudantes das camadas médias, para os quais a universidade constituía um horizonte mais assegurado (Corrochano, 2013). Esse contraste evidencia o quanto o ingresso e a permanência no ensino superior continuam incertos para os jovens das camadas populares.

ISSN: 2358-8829

Projeta-se, assim, a condição descrita por Zago (2006) entre universitários de origem popular: a de "estudantes parciais", para os quais o estudo ocupa um lugar limitado em uma vida organizada pelas necessidades econômicas.

Chama a atenção, por fim, o fato de essas dificuldades serem frequentemente explicadas em termos individuais. "Disciplina", "persistência" e "dedicação" foram apontadas como os maiores obstáculos, e os estudantes frequentemente se definiam como "preguiçosos" ou "procrastinadores". Outro adolescente, cuja rotina era organizada pelo trabalho, afirmou que "se eu tivesse tudo fácil aí eu poderia não me dedicar". Em outro registro, apareceu a seguinte fala: "estudar para ser alguém na vida, porque todo mundo acha que eu não vou ser nada".

Leão, Dayrell e Reis (2011), com base em Dubet, observam que se espera do jovem que seja "mestre de si mesmo" na construção de seu projeto de vida, exigência que recai de maneira mais intensa sobre aqueles que dispõem de menos recursos. Bourdieu (1998), por sua vez, demonstra como a escola tende a converter desigualdades sociais em diferenças de mérito e de "dom" individual. Os estudantes parecem incorporar essa perspectiva, uma vez que limites estruturais, como a jornada de trabalho, a falta de tempo, a desinformação e a necessidade de renda, são vivenciados como falhas pessoais de disciplina ou de vontade.

Para esses jovens, portanto, a questão não se resume a como conciliar universidade e trabalho, mas envolve compreender se a universidade cabe na vida que o trabalho já organiza. A experiência indica que a conciliação entre estudo e trabalho precisa ser considerada antes mesmo do ingresso no ensino superior, pois é durante o Ensino Médio que essa tensão começa a definir quem chega à universidade, em qual curso e em quais condições.

Esse cenário aponta para a importância de ações escolares e de orientação profissional que considerem o trabalho como uma condição concreta da juventude, ofereçam informações sobre acesso e permanência no ensino superior e auxiliem os estudantes a reconhecer o caráter social das situações que, muitas vezes, vivenciam como fracassos individuais.

3. Os desafios da vida adulta a partir do desamparo

O terceiro ano do Ensino Médio, entre outros simbolismos, representa o início de uma trajetória em direção à vida adulta, uma vez que demarca o encerramento de um ciclo escolar. Entretanto, para esses jovens, que vivenciam trajetórias de vulnerabilidade socioeconômica, esse momento também pode ser atravessado pela angústia diante das incertezas relacionadas às possibilidades concretas de inserção social, educacional e profissional.

ISSN: 2358-8829

Na perspectiva lacaniana, a angústia é um afeto que escapa à rede significante e surge, precisamente, diante da impossibilidade de encontrar garantias no Outro (Castilho, 2007; Lacan, 2005). Alguns trechos extraídos dos diários de campo elucidam a dinâmica da angústia diante das incertezas que emergem na passagem para a vida adulta: “Quero fazer psicologia ou nutrição, não decidi ainda e a dificuldade é que falta certeza, porque a pessoa sempre fica tipo e se… e se eu escolher esse curso e não der certo”. “Medo do fracasso, de não constituir família, de não passar no ENEM, de não alcançar objetivos, além de preocupações com questões econômicas, como o aumento dos preços”. Essas falas revelam inquietações concretas e expectativas em relação ao futuro.

Castilho (2007) evidencia que a angústia, por sua relação com o desejo, constitui um afeto que não engana no percurso do processo psicanalítico. Desse modo, embora a experiência relatada não se configurasse como um processo analítico, a circulação da fala proporcionada pelas intervenções permitiu que os estudantes acessassem aspectos relacionados aos seus desejos para a vida adulta.

Nesse contexto, foram recorrentes conteúdos referentes ao desejo de constituir uma família, comprar uma casa ou ser aprovado em um concurso público. Tais aspirações articulam-se ao desejo de ascensão social e à busca por maior estabilidade na vida adulta.

Ao abordar o mal-estar na atualidade, Birman (2016) argumenta que o fracasso da civilização do progresso material recoloca os sujeitos diante do desamparo freudiano. Nessa perspectiva, a cultura, ao exigir renúncias pulsionais para garantir a vida em sociedade, não consegue assegurar a felicidade dos sujeitos nela inseridos (Freud, 1930/2010).

Além disso, Miriam Debieux Rosa (2018), ao abordar a dimensão sociopolítica do sofrimento, alerta que as consequências da ruptura dos fundamentos do contrato social, radicalizadas nos contextos de vulnerabilidade social, incluem a irrupção do traumático e, muitas vezes, a identificação do sujeito com o lugar de resto no discurso social.

Os registros dos diários de campo mostram que os estudantes, inseridos em contextos nos quais a exclusão social intensifica as experiências de falta, temem que a passagem do encerramento da escolarização para a vida adulta represente um encontro com a impossibilidade de realização de seus projetos. Além disso, demonstram dificuldade em articular suas fantasias sem que estas os confrontem com o real traumático, representado pelo receio da falta de moradia, das jornadas excessivas de trabalho e do uso de drogas.

Os trechos a seguir buscam elucidar o cenário contraditório no qual esses jovens situam suas perspectivas de vida adulta, diante do desamparo social e dos processos de identificação discutidos por Miriam Debieux Rosa (2018): “O terceiro ano do ensino médio é

um ano decisivo, é mudança de vida, depois daqui quem já trabalha vai trabalhar o dobro, nada vai mudar depois da escola". "Como eu gostaria de ser lembrada? afirmou que só conseguia pensar na morte (...) Quero ser um homem poderoso, homem armado". "Estudar para ser alguém na vida, porque todo mundo acha que não vou ser nada mesmo (...) A resposta chama atenção, terminar morando na rua e usando drogas. Não conseguir nada. Por fim, o trabalho realizado com esses estudantes buscou reconhecê-los como sujeitos desejantes, possibilitando o surgimento de novos significantes para a vida adulta**.**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do reconhecimento do Outro como lugar no qual se constituem as significações, buscou-se possibilitar que os estudantes não tivessem suas palavras descartadas, mas encontrassem condições para escrever a própria história. Desse modo, procurou-se favorecer a construção de um discurso próprio, para além da repetição daquilo que lhes foi outorgado pelos outros. Ao longo da experiência, foi possível identificar discursos relacionados às limitações da escola no preparo para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e para provas de concursos de nível médio, bem como às tensões entre o desejo de dedicar-se aos estudos e a necessidade de trabalhar. Também se evidenciaram o medo diante do futuro e as incertezas relacionadas à continuidade do trabalho ou ao ingresso no ensino superior.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; VENTURI, Gustavo; CORROCHANO, Maria Carla. Estudar e trabalhar: um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 523-542, set./dez. 2020.

ANTUNES, M. A. M. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 12, n. 2, p. 469-475, dez. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pee/a/kgkH3QxCXKNNvxpbgPwL8Sj/?lang=pt. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000200020. Acesso em: 27 mar. 2026.

BIRMAN, J. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 11. ed. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2016.

BOCK, Silvio Duarte. Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica. São Paulo: **Cortez**, 2002.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org.). Escritos de educação. Petrópolis: **Vozes**, 1998. p. 39-64.

BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: BOURDIEU, Pierre (coord.). A miséria do mundo. 3. ed. Petrópolis: **Vozes,** 1999.

CARVALHO JÚNIOR, J. R. A. de; MENDES, W. de A.; FERREIRA, M. A. M. Influência da qualificação docente sobre o desempenho discente no Enem. **Administração: Ensino e Pesquisa,** [S. l.], v. 24, n. 1, 2023. DOI: https://doi.org/10.13058/raep.2023.v24n1.2270. Acesso em: 27 out. 2026.

CASTILHO, P. T. Uma discussão sobre a angústia em Jacques Lacan: um contraponto com Freud. **Revista do Departamento de Psicologia** – UFF, Niterói, v. 19, n. 2, p. 325-337, 2007. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-80232007000200004.

CORROCHANO, Maria Carla. Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas; Sorocaba, v. 18, n. 1, p. 23-44, mar. 2013.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

DIAS, A. C. G.; PATIAS, N. D.; ABAID, J. L. W. Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: algumas reflexões. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 18, n. 1, p. 105-111, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pee/a/kFwV6k4ThTqNSNpp6NYmPft/abstract/?lang=pt. Acesso em: 26 mar. 2026.

FERREIRA, F. G. et al. Estágio supervisionado em psicologia escolar: uma experiência na perspectiva institucional. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 11, n. 1, p. 202-216, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-50272019000100013. Acesso em: 28 mar. 2026.

FORACCHI, Marialice Mencarini. O estudante e a transformação da sociedade brasileira. 2. ed. São Paulo: **Companhia Editora Nacional**, 1977.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2010. p. 13-122.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 10: a angústia. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: **Jorge Zahar**, 2005.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, 2011.

LIMA, N. L. de et al. Psicanálise, educação e redes sociais virtuais: escutando os adolescentes na escola. **Estilos da Clínica**, v. 20, n. 3, p. 421-440, 2015a. Disponível em: https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v20i3p421-440. Acesso em: 22 mar. 2026.

LIMA, N. L. et al. Psicanálise, educação e redes sociais virtuais: escutando os adolescentes na escola. **Estilos da Clínica,** v. 20, n. 3, p. 421-440, 2015b. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282015000300005&script=sci_abstract. Acesso em: 22 mar. 2026.

MARTINEZ, A. M. Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 13, n. 1, p. 169-177, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pee/a/HCbNpr4B5TyFBsPRdtgs3Yn/?lang=pt. Acesso em: 23 mar. 2026.

PAIS, José Machado. Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro. Porto**: Ambar**, 2001.

ROCHA, A. B.; FUNCHAL, B. Mais recursos, melhores resultados? As relações entre custos escolares diretos e desempenho no Ensino Médio. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 2, p. 291-309, mar./abr. 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/0034-761220170175. Acesso em: 27 out. 2026.

ROSA, Miriam Debieux. A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento. São Paulo: **Escuta**, 2016.

SANTOS, J. D. M. dos et al. Observação em psicologia escolar: vivências em uma instituição pública de ensino superior e médio. Telos: **Revista de Estudios Interdisciplinarios en Ciencias Sociales,** Venezuela, v. 24, n. 1, p. 176-194, 2022. Disponível em: http://ojs.urbe.edu/index.php/telos/article/view/3635/4959. Acesso em: 22 mar. 2026.

SILVA, A. P. da; ROSISTOLATO, R. Participação no ENEM: desigualdades no contexto das escolas públicas no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação: periódico científico editado pela ANPAE**, [S. l.], v. 37, n. 3, p. 1506-1532, 2022. DOI: https://doi.org/10.21573/vol37n32021.111559. Acesso em: 27 out. 2026.

SILVA, R. R. D. Escolarização, adolescência e a ubiquidade do entretenimento: práticas curriculares para o Ensino Médio no Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 38, e82275, 2022. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1984-0411.82275. Acesso em: 22 mar. 2026.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: **Instituto Cidadania; Fundação** Perseu Abramo, 2005.

ISSN: 2358-8829

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, p. 226-237, maio/ago. 2006.